

# **A IMPORTÂNCIA DA SUBJETIVIDADE NA PESQUISA SÓCIO-ANTROPOLÓGICA**

Márcia Regina Castro Barroso<sup>1</sup>

**RESUMO:** O presente artigo traz reflexões acerca da importância da subjetividade na pesquisa sócio-antropológica em que se destaque o papel do pesquisador enquanto elemento fundamental na produção do conhecimento. Em nossa apreciação partimos do pressuposto que no campo das Ciências Sociais seja inviável uma total neutralidade na atividade de pesquisa. A presença do pesquisador por si só já traz elementos que devem ser levados em consideração em nossa análise. Objetivamos assim, neste trabalho, fomentar o debate em relação à metodologia qualitativa em seus aspectos subjetivos destacando os pontos problemáticos dessa temática. Dentre os tópicos destacamos a questão da invisibilidade do pesquisador, as formas de se fazer entrevistas, a confecção do diário de campo, bem como a reflexão acerca da arte de pesquisar.

**PALAVRAS-CHAVES:** pesquisa qualitativa, subjetividade, metodologia.

## **THE RELEVANCE OF SUBJECTIVITY IN THE SOCIO-ANTHROPOLOGICAL RESEARCH**

**ABSTRACT:** This paper presents reflections about the importance of subjectivity in the socio-anthropological research and highlight the role of the researcher as a key element in the production of knowledge. In our consideration we assume that in the field of Social Sciences is impossible the complete neutrality in research activity. The presence of the researcher in itself brings elements that must be taken into account in our analysis. So we aimed in this work to foster debate in relation to qualitative methodology in subjective aspects of this theme highlighting the problematic points. Among the topics we highlight the issue of invisibility of the researcher, the ways of doing interviews, the making of a field journal, as well as reflection on the art of research.

**Keywords:** qualitative research, subjectivity, methodology.

## INTRODUÇÃO

Em nossas pesquisas, tanto na área sociológica quanto na antropológica, muitas vezes não dedicamos a atenção necessária ao aprofundamento da reflexão em torno da metodologia utilizada. Estar diante de um objeto de pesquisa requer todo um cuidado prático, mas, sobretudo, analítico. Nesse sentido, o presente trabalho busca refletir sobre a metodologia qualitativa, em especial, destacando a importância da subjetividade na própria atividade de pesquisa, em seus vários aspectos.

Segundo o “Dicionário de Sociologia” organizado por Allan G. Johnson (1997) a metodologia em pesquisa sociológica refere-se “a práticas e técnicas usadas para reunir, processar, manipular e interpretar informações que podem ser usadas para testar ideias e teorias sobre a vida social”. (p.147) Percebemos aqui a presença da visão que prioriza a coleta de dados e a sua posterior organização. Ainda sob a forte influência do vetor positivista, muitas vezes podemos nos esquecer fundamentalmente da especificidade de nossas pesquisas: lidamos com pessoas, grupos sociais distintos, ambientes diversos, e toda a complexidade que nossos objetos de estudo nos suscitam.

Ainda no mesmo dicionário, encontramos o verbete “observação participante” como sendo algo mais próximo da metodologia qualitativa. O autor a define:

“Observação participante é um método de pesquisa no qual o observador realmente toma parte no fenômeno social que estuda. (...) Embora a observação participante esteja mais ligada à pesquisa antropológica em sociedades tribais, ela é usada por sociólogos em uma grande variedade de ambientes, de processos relativos a pequenos grupos e instituições maiores ao estudo de interações entre homens e mulheres. A principal vantagem desse método é que permite que os pesquisadores estudem o comportamento social da maneira como ele realmente ocorre. A principal desvantagem é que na medida em que os pesquisadores se envolvem no que estudam, podem desenvolver interesses, fidelidades e pontos de vista que influenciam suas observações e interpretações, sem que se deem conta disso. Dessa maneira, como acontecem com muitas estratégias de pesquisa, os principais pontos fortes da observação participante são também seus pontos fracos mais claros (Johnson:1997, p. 160)”.

Percebemos no trecho anteriormente citado que o autor mantém uma posição de separação, de polarização entre a posição do pesquisador e a do seu objeto de pesquisa.

Ele coloca como sendo algo prejudicial à influência que um pode exercer sobre o outro. Neste trabalho objetivamos justamente problematizar essa premissa, onde partimos do pressuposto que é errôneo se pensar em uma total neutralidade científica em nossa área e nem por isso, ao utilizarmos a metodologia qualitativa, deixaremos de realizar trabalhos tidos como acadêmico-científicos. Os aspectos subjetivos não são prejudiciais e nem podem ser vistos como algo negativo. Ao contrário, são partes constitutivas da própria pesquisa e devem ser levados em consideração.

Sendo assim, algumas indagações norteiam nossas reflexões iniciais. Será que realmente conseguiremos manter um distanciamento ao ponto de não nos envolvermos com o nosso objeto de pesquisa? Há realmente um conhecimento a ser “revelado” diante de nós? Encontraremos verdades ocultadas por leis sociais? Existe uma “realidade” a ser conhecida? Como nos posicionaremos, enquanto pesquisadores, diante da singularidade do nosso objeto de pesquisa?

Essas perguntas não são novas e apenas estamos retomando alguns aspectos que já foram exaustivamente elucidados pela corrente de pensamento interacionista com seus conteúdos críticos a um conhecimento construído somente em bases empíricas objetivas. Entretanto, ao aprofundarmos a reflexão em torno da importância da subjetividade na pesquisa sócio-antropológica, não podemos deixar de ter como pano de fundo essa discussão. A proposta, portanto, deste trabalho, é de aprofundarmos algumas questões que gravitem em torno dessa chamada subjetividade na pesquisa, mas sempre pensando sobre o próprio papel do pesquisador enquanto produtor de conhecimento.

Entretanto, embora valorizemos a reflexão sobre o tema, não podemos deixar aqui de mencionar que, de fato, só aprenderemos fazer pesquisa em Ciências Sociais fazendo! Mesmo com toda nossa preparação teórica, com a delimitação do nosso objeto de estudo e todo o *métier* necessário à nossa pesquisa, só iremos aprender a fazer uma pesquisa com a própria experiência de pesquisa. No trabalho de campo surgirão as dúvidas, os impasses, as novas demandas e seremos impulsionados para novas tomadas de posições. E mais, além de ser uma pesquisa que se aprende fazendo, ela demanda tempo, dedicação, o estar presente, em contato com as pessoas que compõem o nosso objeto de pesquisa.

## **1 - A “autoanálise”**

Começamos trazendo algumas reflexões de Florence Weber acerca do tema proposto neste trabalho. Professora do Departamento de Ciências Sociais da *École Normale Supérieure* (Paris) e pesquisadora do *Centre Maurice Halbwachs*, Florence Weber tem um diferencial em seu pensamento principalmente por não fazer uma distinção entre os estudos sociológicos e antropológicos. Preocupada com as questões metodológicas, dedica um bom espaço em seu livro “Trabalho fora do trabalho – uma etnografia das percepções” (2009) na explicitação do seu método de pesquisa. Apresentaremos aqui alguns aspectos significativos de seu pensamento.

Sua pesquisa ocorreu entre os anos 1978 e 1985 junto a operários de uma usina situada em Borgonha (França). Florence Weber concentrou seus esforços na observação direta da vida cotidiana desses trabalhadores fora do seu ambiente de trabalho. O interessante, logo de imediato é perceber, a importância que essa autora dá à elaboração do diário de campo. Nesta obra que mencionei anteriormente a autora se utiliza de trechos do próprio diário para conduzir a sua análise dando um destaque todo especial ao seu conteúdo.

O trabalho de campo para Florence Weber consiste numa investigação aprofundada em que a questão do tempo de permanência do pesquisador se torna fundamental. Para ela essa inserção deve ser de longa duração num determinado meio social. E nesse trabalho de campo destaca que o importante não é a elaboração prévia de questionários ou de um roteiro de pesquisa. É preciso, antes de tudo, observar e escutar as pessoas, o que ela chamou de “estar com”. E mais, segundo a autora, é preciso, sobretudo, fazer uma autocrítica, analisando as suas próprias classificações tidas como a *priori*, confrontando-as com as classificações nativas. Dessa comparação e confrontação é que poderá emergir um instrumento de conhecimento. No trecho a seguir explicitamos esse pensamento da autora:

“Tendo dito isto, vale mais a pena escutar os nativos do que interrogá-los, não somente para ouvir suas próprias classificações, mas também para evitar receber as respostas que não seriam senão espelho das questões e das expectativas do pesquisador.” (Weber: 2009, p.29)

O ouvir, o estar presente, o “sentir” o ambiente, são elementos que Weber destaca e aponta como componentes importantes da atividade de pesquisa. Estar de

forma mais livre seria mais enriquecedor do que ficar interrogando constantemente os chamados “nativos”<sup>1</sup>.

Ainda nessa linha de raciocínio, para a autora somente a observação e o “estar com” não seriam procedimentos suficientes. Para ela é necessário que se tenha uma reflexão sobre a própria presença do pesquisador no campo. Ao se inserir neste novo universo ele estabelece novas relações e a sua própria presença é um dado de extrema importância que deve ser levado em consideração.

Aqui, nesse ponto, nos remetemos ao debate em torno da objetividade da pesquisa na área de humanas. Existe, de fato, um conhecimento que deva ser observado e analisado em nossas áreas de pesquisas, como se fosse algo intrínseco ao objeto de pesquisa, como algo a ser revelado? Iremos decodificar uma determinada conformação social descrevendo as suas principais características? A pesquisa empírica e o trabalho de campo são capazes de dar conta dessas dimensões apontadas? Ou podemos dizer que existe sim um conhecimento que é construído e reconstruído a partir das relações estabelecidas entre o pesquisador e o seu objeto de pesquisa?

Ao escolhermos essa última indagação como a mais razoável, não podemos deixar de considerar a própria atuação do pesquisador nesse processo. Esse debate não é novo e os interacionistas simbólicos já refletiram muito sobre os aspectos aqui apontados. Entretanto, retomaremos alguns pontos importantes dessa reflexão.

O conhecimento que é produzido a partir dessa interação, obviamente passa por todo crivo cognitivo do próprio pesquisador. O estudioso, geralmente trabalhando sozinho, se vê diante de inúmeras dificuldades para traduzir por intermédio da linguagem, seja ela escrita ou não, o que ele observou em sua pesquisa. Daí a importância que a Florence Weber dá ao diário de campo, pois este seria capaz de fornecer elementos da atuação do próprio pesquisador, como os seus sentimentos, suas percepções subjetivas, os seus medos e desencantos. Todos esses elementos não são adereços insignificantes da pesquisa. São elementos que fazem parte da pesquisa como um todo, pois eles em si mesmos já são partes constitutivas da mesma. O mundo social, as pessoas que dele participam, agem, se relacionam, também influenciados pela figura do pesquisador. Poderia o estudioso observar uma determinada esfera social sem influenciá-la de alguma forma? Ele pode ser considerado como um elemento totalmente neutro naquele ambiente no qual se insere durante um determinado período? O simples

---

<sup>1</sup> Sobre a questão da utilização ou não de entrevistas pré-estabelecidas nós discutiremos em momento posterior nesse trabalho.

fato de ser homem ou mulher, negro ou branco, de uma determinada nacionalidade, em si mesmos já não representaria algo a ser considerado como influenciador da relação estabelecida entre o pesquisador e seu campo?

Como já mencionamos anteriormente, em nossa visão, essa neutralidade do pesquisador diante do objeto de pesquisa é inexistente e o próprio fato do sociólogo (ou antropólogo) estar presente numa determinada composição social, isso já se constitui como um elemento que contribui na construção do conhecimento. Sua presença não é invisível. Ilude-se quem pensa que poderá estar num local sem exercer nenhuma influência sobre o mesmo. As pessoas que lá estão agirão de forma diferente da ordinária pelo simples fato de estarem diante de um pesquisador. Portanto, a pesquisa qualitativa não é apenas a observação de um objeto de pesquisa. Ela é a soma da observação e da autoanálise da atividade do pesquisador. O pesquisador tem a peculiaridade de ser um observador que está o tempo todo também sendo observado.

Outra obra interessante que nos ajuda a refletir sobre as questões deste trabalho é o livro *“Observing the Observer – Understanding our selves in Field Research”*, de Shulamit Reinhard, publicado em 2011. A proposta deste livro é de ser um material útil para os que estão num processo de aprendizado de como fazerem o seu trabalho de campo e de como refletir sobre o mesmo. Tendo como base a sua própria experiência de campo, realizado durante a sua permanência num Kibbutz em Israel entre os anos 1979 a 1980, a autora traz uma série de reflexões acerca da sua própria atividade de pesquisa.

Primeiramente destacamos que Reinharz, assim como Florence Weber, comenta que a atividade de pesquisa sócio-antropológica implica na imersão, na convivência do pesquisador com o ambiente social analisado, por um longo período de tempo. O estar presente, o “estar com”, é um elemento de significativa importância para essas autoras. Além deste aspecto, outro elemento que nos chamou a atenção foi a grande preocupação na construção do próprio diário de campo e a sua posterior utilização no momento de análise do ambiente estudado. E aqui a autora faz uma abordagem muito interessante ao analisar trechos do seu diário de campo. Elementos objetivos são apontados, como descrições da organização do trabalho, as divisões de tarefa, as atividades de lazer, etc., e ao mesmo tempo ela procura perceber as diferentes “facetas” da sua própria atuação no campo a partir da interação com o objeto de pesquisa.

Em cada capítulo a autora vai expondo, de forma minuciosa, os diversos aspectos que compõem o seu *self* e faz uma análise sobre como eles poderiam influenciar na produção do conhecimento. Nesse sentido ela apresenta trechos do seu

próprio diário de campo e comenta que o mesmo apresenta três formas do seu “eu”: anotações que são relativas às atividades de pesquisa, anotações pessoais (que expõem sentimentos e percepções mais íntimas) e anotações que ela chamou de um “eu” situacional (Reinharz: 2011, p. 5).

Entretanto, embora destaque o papel do diário de campo numa pesquisa sócio-antropológica, Reinharz também comenta que a atividade do pesquisador é bem mais ampla. Para a autora a atividade de pesquisa é uma combinação da confecção do diário de campo, das transcrições de entrevistas, da coleta de materiais de arquivos, e ainda, a retirada de fotos e organização de vídeo-tapes. Todos esses materiais são considerados como uma base de dados. E mais, esses materiais devem ser disponibilizados para que outros pesquisadores tenham acesso a essas informações e possam discordar ou terem outras interpretações (Reinharz: 2011, p. 14).

Em sua análise, Reinharz procura perceber como a sua pesquisa foi se encaminhando a partir dos vários papéis que foi assumindo durante o período que permaneceu no Kibbutz: ser uma americana, uma acadêmica, uma socióloga e antropóloga, uma gerontóloga, uma dançarina ou uma filha. Na medida em que ela foi assumindo esses papéis (assim como outros), estes foram suscitando novas indagações, foram estabelecendo diferentes relações e conseqüentemente passaram a gerar um conhecimento que foi mobilizado a partir desses “eus” diferentes. Sendo assim o conhecimento não é algo que deverá ser desvelado pelo cientista social. Esse conhecimento se forma a partir do contato entre os nativos e as diferentes “facetas” apresentadas pelo pesquisador. O fato de ela ser americana, por exemplo, gerou um determinado tipo de reação por parte dos membros do Kibbutz, suscitando um determinado tipo de interação onde certas fórmulas de linguagens foram acionadas, enfim, uma série de expectativas foram criadas por parte das pessoas que com ela entravam em contato. Provavelmente se ela fosse de outra nacionalidade a pesquisa seria conduzida de outra forma. Sendo assim, a autora procura fazer uma autoanálise de sua atuação como pesquisadora, nos mesmos moldes de Florence Weber, refletindo a partir dos diversos elementos que compõe a sua pessoa.

## **2 – “INVISIBILIDADE” DO PESQUISADOR, ENTREVISTA FORMAL X INFORMAL**

Defendemos, portanto, que os aspectos subjetivos devem ser considerados não como algo acessório, mas como partes constitutivas da própria pesquisa, como um elemento imprescindível. E se radicalizarmos esse pensamento poderíamos até dizer que se esses elementos subjetivos não forem analisados poderíamos colocar em questão a validade da própria pesquisa.

Nesse sentido, não faz sentido, numa pesquisa qualitativa, trabalhar com a ideia de neutralidade do pesquisador ou até mesmo de sua invisibilidade. Segundo Gérard Mauger em seu artigo “*Enquêteur em milieu populaire*” (1991) é uma ilusão pensar que se deve estabelecer técnicas de “neutralização” do papel do pesquisador numa atividade de campo. Seguindo a mesma linha de raciocínio dos autores anteriormente mencionados, comenta que a simples presença do pesquisador já provoca questionamentos por parte dos interlocutores. As práticas, as reações, as opiniões vão se configurando à medida que o pesquisador vai interagindo com os seus pesquisados. Cada situação suscitará novos questionamentos e novas opiniões serão formadas. Dessa forma é uma ilusão pensar que existe uma verdade a ser desvelada, uma “essência” das práticas, das representações, das opiniões. O que existe de fato é uma interpretação advinda da interação entre o cientista social e o seu objeto de estudo. Até porque o pesquisador sempre será considerado como um intruso e nessa comunicação, nesse diálogo, fórmulas estereotipadas são acionadas de acordo com as conveniências de cada situação.

Raymond Gold em seu texto “*Jeux de roles sur le terrain. Observation et participation dans l’enquête sociologique*” (2003), nesta mesma perspectiva, também nos chama a atenção para a necessidade de se ter uma reflexão do papel do próprio pesquisador em sua atividade de campo. Refletir sobre os papéis que desempenhou na pesquisa, destacando até mesmo os limites de sua capacidade diante de tantas relações que foram estabelecidas. Em certos casos alguns papéis desempenhados podem ser favoráveis, já em outros pode ocorrer o reverso. De todo modo, explicitar essa autoavaliação é o caminho indicado até mesmo para que a comunidade científica tenha acesso ao processo de construção da pesquisa.

Outro aspecto de significativa relevância que tem sido abordado pelos autores que se ocupam da metodologia qualitativa se refere à questão da utilização ou não de entrevistas pré-estabelecidas. Eu, particularmente, penso que não é possível pensar uma única forma de conduzir uma entrevista e esta, a depender do objeto de pesquisa, de



circunstâncias emergenciais, etc., terá que se adaptar a essas contingências. Em certos casos, como por exemplo, em ambientes extremamente formais, teremos condições de realizar somente uma entrevista objetiva, concisa, direta e sem mais delongas. Já em outros casos, as entrevistas informais poderiam nos proporcionar uma série de vantagens, como percebemos no texto de Bruneteaux e Lanzarini “*Les entretiens informels*” (1998) que lidam especificamente com essa temática. Segundo os autores, uma entrevista formal, principalmente quando se pesquisa meios populares, pode representar uma violência simbólica, pois as questões apresentadas foram previamente pensadas e elaboradas pelo pesquisador. Além disso, as próprias respostas apresentadas pelos pesquisados podem ser conduzidas de modo a fornecer respostas que reforcem visões estereotipadas, pois muitas vezes a figura do sociólogo é confundida também com a de um agente social. Sendo assim, muitas entrevistas formais acabam por cristalizar definições sociais que são legitimadas pelo senso comum. Nesse sentido, os autores são favoráveis à realização de entrevistas informais que devem ser adaptadas ao grupo que está sendo pesquisado. Comentam que o pesquisador faz em seu ofício uma bricolagem, adaptando-se da melhor forma possível e adotando estratégias metodológicas adequadas ao seu campo de pesquisa.

Uma sugestão proposta por esses autores é a realização de uma *conversa orientada* (Bruneteaux e Lanzarini: 1998, p. 166). Nessa conversa, no momento inicial do contato, o interessante é fazer com que o entrevistado pense que ele está “comandando o jogo”, possibilitando que o mesmo se sinta mais à vontade e possa assim contar livremente as suas experiências. O pesquisador através de pequenas interrupções poderá, de fato, elucidar alguns aspectos de interesse de sua pesquisa. Poderia se utilizar, por exemplo, da seguinte pergunta: eu gostaria que você me explicasse um pouco como funciona “isso” ou “aquilo” (p. 167).

Portanto, numa pesquisa qualitativa, em que seja possível uma longa convivência com o grupo estudado, todas as conversas, os momentos de convivência, as festas, as reuniões, todos os eventos, são possibilidades de apreensão de informações e não devem ser desconsiderados. Em todas as atividades temos a oportunidade de percebermos os detalhes, as motivações, os sentimentos, enfim, os aspectos subjetivos e simbólicos que dificilmente se apresentariam nas entrevistas previamente estabelecidas e formais.

Além das entrevistas informais nós encontramos também outras perspectivas como a que é apresentada por Colette Pétonnet em seu artigo “*Observação flutuante: o exemplo de um cemitério parisiense*” (2008) <sup>2</sup>. A autora parte da premissa de que a etnologia urbana ainda precisa ser muito desenvolvida. Seu método de pesquisa consiste no que ela chamou de “observação flutuante”, como ela mesma define:

“Ele consiste em permanecer vago e disponível em toda circunstância, em não mobilizar a atenção sobre um objeto preciso, mas em deixá-la ‘flutuar’ de modo que as informações o penetrem sem filtro, sem a *priori*, até o momento em que pontos de referência, de convergências, apareçam e nós chegamos, então, a descobrir as regras subjacentes” (Pétonnet: 2008, p. 102)

Seguindo essa orientação, Pétonnet desenvolveu a sua pesquisa num cemitério parisiense sem ter definido anteriormente o seu objeto de estudo. Definiu apenas o local para o seu estudo e se lançou, “flutuando” e deixando que suas percepções conduzissem a pesquisa. Após se defrontar com várias coisas, onde o acaso tornou-se uma peça fundamental desse mosaico, concentrou os seus esforços num grupo de trabalhadores deste local os quais foram designados poeticamente de “verdadeiros profissionais da lembrança”.

Sendo assim, o método de Pétonnet, embora se assemelhe a uma pesquisa exploratória, em fase inicial de conhecimento do ambiente estudado, ela traz novamente à tona o debate acerca da própria aventura da atividade de pesquisa: ir ao campo sem ter a intenção de encontrar algo e muito menos de comprovar alguma hipótese. Estar disponível para se defrontar com o novo e pensar que, de fato, o pesquisador não tem o controle sobre o seu ambiente de pesquisa. Obviamente que o pesquisador terá de ter passado por uma sólida formação teórica e intelectual. Entretanto, em metodologia qualitativa isso não é suficiente. É preciso, antes de tudo, se aventurar e estar numa atitude contínua de disponibilidade diante do que é novo, num exercício contínuo de compreensão do outro, reconhecendo o seu papel limitado diante daquela conformação social e da produção do conhecimento.

---

<sup>2</sup> Esse artigo é uma tradução de Soraya Silveira Simões, e o original foi publicado em *L’Homme*, oct-déc.1982 com o seguinte título: “*L’observation flottante – l’exemple d’un cimetière parisien*”.

## **Considerações finais**

Em todos os autores mencionados nesse trabalho, nós podemos perceber alguns pontos que foram recorrentes. O primeiro deles é a valorização da confecção do diário de campo onde os aspectos subjetivos devem ser apontados e analisados. Nesse sentido destacam a importância de se estabelecer uma rotina de trabalho. Lícia Valadares em seu artigo “Os dez mandamentos da observação participante” (2007), escrito a partir do livro de William Foote Whyte, “Sociedade de Esquina: a estrutura social de uma área urbana pobre e degradada” (2005), comenta que o pesquisador não deve recuar diante de um cotidiano que pode se apresentar como monótono e repetitivo. Sendo assim, o pesquisador deve escrever diariamente tudo que observou, o que sentiu, refletiu e analisou. Tudo deve constar no seu diário de campo. Anotar os possíveis significados. Destacar as mínimas coisas, mesmo que possam parecer irrelevantes de início, mas, numa atitude metódica e obstinada, valorizar todas as situações que se apresentaram na pesquisa. Mediante a anotação sistemática o pesquisador terá em suas mãos um valioso material para sua posterior utilização. Esse material deverá ser analisado de forma conjunta à autoanálise da atividade do próprio pesquisador. A presença do sociólogo (ou antropólogo) deverá ser justificada e deve-se refletir sobre os significados que essa presença pode representar.

Além da atividade de “tomar notas” e a posterior utilização, os autores também apontaram para a necessidade de se ter um longo processo de imersão, que a observação disponha de um longo período e não apenas através de pequenos encontros. Mesmo diante das dificuldades que possam ser encontradas na atividade de pesquisa, é preciso ter um esforço a mais no sentido de “estar presente” com frequência, indo além de uma fase inicial exploratória.

Muito embora os autores valorizem a confecção do diário de campo e a questão da autoanálise, não podemos deixar de mencionar a problemática de que essas observações poderiam ser consideradas de cunho muito pessoal. A supervalorização do diário de campo e da pura descrição etnográfica poderia acarretar na perda de uma visão mais ampla, de associá-la a um contexto maior e a outros instrumentos de análise.

Poderíamos, em última instância, estarmos criando um “fetiche do diário de campo”. Pensamos que uma solução possível para essa questão seria o estímulo à formação de grupos de pesquisa, onde as observações e os resultados poderiam ser partilhados e dessa troca serem valorizados os elementos que se apresentam repetidamente nas análises. E seria ainda mais vantajoso se o grupo de pesquisa tivesse a possibilidade de realizar visitas em conjunto ao campo estudado. Essa atividade coletiva minimizaria os efeitos problemáticos presentes nas observações pessoais.

Objetivamos, portanto, neste trabalho, refletir um pouco mais sobre a metodologia qualitativa em seus aspectos subjetivos destacando os pontos problemáticos dessa temática. Estamos cientes de que muito ainda teremos que avançar em nossas pesquisas. Entretanto, não podemos deixar de valorizar a imensa contribuição que essa metodologia tem nos trazido, especialmente por nos lembrar constantemente que nunca conseguiremos manter uma postura neutra diante de nosso objeto e de que estamos lidando, de fato, com objetos de pesquisa bem singulares!

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

- JOHNSON, Allan G. (1997) *Dicionário de Sociologia: guia prático da linguagem sociológica*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.
- WEBER, Florence. (2009) *Trabalho fora do trabalho: uma etnografia das percepções*. Rio de Janeiro: Garamond.
- REINHARZ, Shulamit (2011) *Observing the Observer ; understanding our selves in field research*. New York and Oxford : Oxford University Press.
- MAUGER, Gérard (1991) – Enquêteur en milieu populaire. *Genèses*, n. 6 dec. pp. 31-43.
- GOLD, Raymond (2003) Jeux de rôles sur le terrain. Observation et participation dans l'enquête sociologique. In : CEFAL, Daniel (textes réunis, présentés et commentés) – *L'enquête de terrain*. Paris : Editions la Découverte/ M.A.U.S.S. pp.340-349.
- BRUNETAU, Patrick et LANZARINI, Corinne (1998) Les entretiens informels. *Sociétés Contemporaines*, n° 30, pp. 157-180.
- PETONNET, Colette (1982) L'Observation Flottante: l'exemple d'un cimetière parisien. *L'Homme*, oct-dec, XXII (4), pp. 37-47 (Tradução de Simões, Soraya in *Antropolítica*, n.25, 2008, pp. 99-111.)

VALLADARES, Licia do Prado (2007) Resenha de Sociedade da Esquina. Os dez mandamentos da observação participante. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, vol. 22, n. 63, fev, pp. 153-155.

WHITE, William Foote (2005) [1943] – *Sociedade de Esquina ; a estrutura social de uma área urbana pobre e degradada*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. (ver Anexo A e B, pp. 283-377).

## NOTAS

---

<sup>1</sup> IFCS-UFRJ. Doutoranda em Sociologia pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia da UFRJ; Mestre em Ciências Sociais e Jurídicas pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Direito da UFF; Especialista em História do Brasil pela Universidade Cândido Mendes (UCAM); Bacharel e Licenciada em Ciências Sociais pela UFRJ e Bacharel e Licenciada em História pela UFF. Endereço: UFRJ - Largo de São Francisco de Paula, 1, Centro - Rio de Janeiro-RJ. Email: marciajose@ig.com.br